



A COBRA VAI FUMAR ONDE A CORUJA DORME? ASPECTOS SEMÂNTICOS NA ANÁLISE DE FRASEOLOGISMOS

A COBRA VAI FUMAR ONDE A CORUJA DORME?
SEMANTIC ASPECTS IN PHRASEOLOGISM ANALYSIS

Carlene Ferreira Nunes Salvador¹
Universidade Federal Rural da Amazônia

Davi Pereira de Souza²
Universidade do Estado do Pará

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em analisar a estrutura semântica de unidades fraseológicas com nomes de animais provenientes do domínio do futebol e do discurso político. Para tanto, o referencial teórico de base, no que tange à identificação e funcionamento dos fraseologismos, fundamenta-se na vertente francesa de Fraseologia, a partir dos pontos de vista de Gross (1996) e Mejri (1997; 2012), autor tunisiano cujos pressupostos também basearam a análise semântica das unidades fraseológicas, além dos estudos de Ortíz Alvarez (2000) e da proposta de Ullmann (1976), a respeito de metáforas. Em se tratando da metodologia, de perspectiva qualitativa, foram selecionadas 10 (dez) unidades fraseológicas oriundas dos *corpora* de Salvador (2017) e Souza (2018), relacionadas respectivamente ao futebol e ao discurso político. Os resultados apontam para fraseologismos formados a partir de nomes de animais, tais como *a cobra vai fumar, boca de jacaré, pagar o pato, ninho da coruja, onde a coruja dorme, tem peixe na rede*, os quais assumem dupla estruturação semântica.

Palavras-Chave: Fraseologismos; Aspectos semânticos; Discurso político; Futebol.

¹ Endereço eletrônico: carlene.salvador@ufra.edu.br.

² Endereço eletrônico: davips312@gmail.com.

Abstract: *The purpose of this article is to analyze the semantic structure of phraseological units with animal names coming from the domain of football and political discourse. To this end, the basic theoretical framework, with regard to the identification and functioning of phraseologisms, is based on the French branch of Phraseology, from the points of view of Gross (1996) and Mejri (1997; 2012), a Tunisian author whose assumptions also based the semantic analysis of phraseological units, in addition to the studies by Ortíz Alvarez (2000) and the proposal by Ullmann (1976), regarding metaphors. Regarding the methodology, from a qualitative perspective, 10 (ten) phraseological units were selected from the corpora of Salvador (2017) and Souza (2018), related respectively to football and political discourse. The results point to phraseologisms formed from animal names, such as snake goes to smoke, alligator mouth, pay the duck, owl's nest, where the owl sleeps, there is fish in the net, which assume a double semantic structure.*

Keywords: *Phraseologisms; Semantic aspects; Political speech; Soccer.*

INTRODUÇÃO

O processo de significação nas línguas naturais responde a uma das necessidades mais básicas da atividade humana, por meio da qual construímos conceitos que nos permitem apreender a realidade na sua complexidade sociocultural. Esse processo, de natureza cognitiva e linguística, envolve diferentes aspectos e estratégias, como o uso de lexias simples e de sequências polilexicais, nomeadas por Mejri (1997) de sequências fixas³. Algumas dessas sequências apresentam em sua estrutura semântica traços conotativos mais salientes que outros. Consequentemente, esses traços conferem às unidades fraseológicas diferentes graus de transparência e de opacidade.

Os fraseologismos classificados como transparentes têm seu significado recuperável pela acepção denotativa de pelo menos um de seus constituintes, o mesmo não ocorre com as unidades fraseológicas opacas, em que o sentido é atribuído ao conjunto da sequência. Dentre os tipos fraseológicos, a expressão idiomática, construção marcada por idiosincrasias de um determinado povo, justamente por seu traço conotativo elevado, é definida por Xatara (1998, p. 149)

³ Em virtude da profusão terminológica observada na bibliografia da área, usaremos neste trabalho os termos *sequência fixa*, recorrente nos trabalhos de Mejri (1997; 2012), fraseologismo e unidade fraseológica (MEJRI, 2012), ressaltando que este último termo tem sido muito mais frequente nos trabalhos de língua espanhola.

como uma “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

O processo de cristalização a que a autora se refere ocorre a partir da combinação de propriedades particulares que conferem aos fraseologismos restrições estruturais e semânticas, resultando na fixidez da forma e do sentido que elas veiculam. A esse fenômeno, acrescenta-se a frequência de uso, que contribui com a institucionalização ou não de tais estruturas, devido, principalmente, ao seu grau de aceitação no sistema da língua. Ademais, o uso em contexto específico dos fraseologismos proporciona o compartilhamento de sentidos restritos em determinadas comunidades.

A partilha de sentidos ocorre também em domínios diferentes da língua, como é o caso do futebol e do discurso político. Essas duas vertentes linguísticas, mobilizadoras de opiniões e adeptos em diferentes instâncias da sociedade, constituem um *prato cheio* para a manifestação de unidades fraseológicas.

Como se sabe, o futebol, o *esporte das massas*, mobiliza milhões de torcedores ao redor do planeta. A relação de amor do povo brasileiro com o esporte bretão vem de longa data, porém, a partir do século XX, principalmente com o advento da imprensa audiovisual, houve maior difusão da prática futebolística no Brasil. Em campos de várzeas ou em grandes estádios, a produção linguística em torno desse domínio se mostra cada vez mais atual. Termos técnicos singularizam a prática, enquanto as ditas *expressões* tornam esse esporte cada vez mais popular. *Abrir o placar, marcar um gol de placa, tiro de meta* são exemplos de fraseologismos que circulam com muita frequência entre adeptos ou não do futebol. Para além dos limites das *quatro linhas*, homens, mulheres, jovens e idosos são capazes de entender que os exemplos listados acima fazem referência, respectivamente, a *marcar o primeiro gol de uma partida, fazer um gol bonito e uma cobrança direta sem barreira*. No entanto, há exemplos dentro desse mesmo domínio que não se mostram tão transparentes, em que se

faz necessária a leitura idiomática, tal qual ocorre em *boca de jacaré*, usado para indicar a abertura que dá acesso à entrada do vestiário, no campo do futebol. Fraseologismos dessa natureza são o foco de nossa abordagem neste artigo.

Da mesma maneira, a política, atividade reguladora da vida em sociedade, que remonta aos povos antigos, também está cada vez mais presente em nossos discursos atuais. Assim como no futebol, estratos diferentes da esfera social são capazes de distinguir os sentidos existentes nas falas oriundas dessa área. Um adulto, em geral, saberia diferenciar um *cartório eleitoral* de um *cartório cível*, sabendo que no primeiro se resolvem questões relacionadas ao ato de exercer a cidadania por meio de voto, e, no segundo, fatores de ordem geral da vida em comunidade, como por exemplo, a emissão de uma certidão de nascimento ou de óbito. Nesse contexto, o domínio político também apresenta unidades fraseológicas que retratam parte de seu acervo, muitas vezes, recorrendo a expressões que circulam no discurso geral.

Nos domínios futebolístico e político, há, evidentemente, exemplos fraseológicos que podem ser classificados como mais técnicos que outros, tais como *árbitro auxiliar*, *lateral direito*, *troca de passe*, *treino técnico*, no futebol, e aqueles como *cartório eleitoral*, *decoro parlamentar*, *partido político*, *urna eletrônica*, na política. No entanto, observam-se também unidades que, devido ao seu sentido mais figurado, circulam com frequência e servem a diferentes propósitos discursivos e são empregados na língua geral.

Nesse âmbito, jornalistas, narradores e comentaristas que utilizam algo como *conversa pra boi dormir* ou *barata tonta*, exemplos encontrados nos *corpora* aqui analisados, têm a exata noção de que não se trata de acalantar o animal bovino para que ele durma ou o inseto *barata* em movimentos desnorteados, outrossim, sabem que se trata de uma tentativa de ilustrar uma história sem sentido, sem fim, e de indivíduo atarantado, desorientado. Essas acepções são

possíveis pelo compartilhamento, em comunidade, dos sentidos arbitrariamente estabelecidos para tais expressões.

Sobre os exemplos mencionados, há uma característica comum, ambos apresentam em suas estruturas linguísticas nomes de animais: *boi* e *barata*. A transferência de características animais para atos humanos, e vice-versa, é um dos processos comuns na produção de sentidos, de acordo com Ullmann (1976). A esse processo atribui-se a materialização do sentido figurado, principalmente por meio de metáforas. Assim, neste trabalho, a amostra considerada abrange fraseologismos do futebol e do discurso político que apresentam pelo menos um elemento endógeno à sequência que remeta a nome de animais, tendo os exemplos analisados sido extraídos das pesquisas de Salvador (2017) e Souza (2018).

Para efeito de sistematização, organizamos o artigo em seções, são elas: uma seção sobre Semântica e as implicaturas dessa área na base do trabalho efetuado a partir da metáfora e da metonímia; uma seção sobre Fraseologia em que se considera a área e o objeto de estudo; uma seção metodológica acerca dos passos para a realização da investigação, além de uma seção para a Apresentação dos Resultados.

1 SEMÂNTICA

Um dos aspectos fundamentais que nos diferenciam dos demais seres vivos diz respeito à nossa capacidade exclusiva de significar por meio das línguas naturais. Entretanto, definir o termo significado (ou o sentido) enseja discussões variadas e pontos de vista distintos que ultrapassam o escopo da própria Linguística, visto que os “sentidos podem manifestar-se de diversas maneiras” (FIORIN, 2018, p. 14), como por exemplo, por meio de sons, imagens, gestos etc.

É sabido que, no Ocidente, o debate sobre a linguagem surge com os gregos, especialmente nos diálogos de Platão, como em o *Crátilo*, em que se apresentam basicamente duas visões que se antagonizam sobre a natureza da relação entre o nome, a ideia e a coisa referida. De um lado, Hermógenes sustentava que o processo de denominação resultava de um acordo, marcado por uma convenção arbitrária entre a palavra e a coisa nomeada; de outro lado, Crátilo defende que a natureza desse vínculo era icônica, isto é, motivada, pois, para ele, a língua seria o espelho do mundo. Segundo Wilson e Martelotta (2014, p. 71), “Essas questões em torno da oposição entre arbitrariedade e iconicidade do signo lingüístico percorrem as correntes linguísticas até os dias de hoje”.

No âmbito da Linguística, o termo semântica, originalmente forjado no final do século XIX pelo linguista francês Michel Bréal⁴, comporta mais de um conceito. Polguère (2003) explica que podemos falar de semântica enquanto nível do sistema da língua, entendido como conjunto de sentidos exprimíveis numa língua e conjunto das regras de expressão e de combinação desses sentidos, e como disciplina científica vinculada à linguística. Neste caso, trata-se de uma subárea que se ocupa historicamente do estudo sistemático do significado lingüístico, elegendo diferentes ângulos pelos quais esse estudo pode ser realizado, em virtude da complexidade do próprio objeto. Por essa razão, Oliveira (2012) afirma que há diferentes semânticas, como a lexical, a formal, a enunciativa, a cognitiva etc., e cada uma adota a sua noção particular de significado, respondendo diferentemente à questão da relação linguagem e mundo. Neste artigo, abordamos a semântica nos fraseologismos a partir dos estudos de Mejri (1997; 2012), Ortíz Alvarez (2000) e Ullmann (1976), discutindo, também, os conceitos de metáfora e metonímia.

⁴ De acordo com Fiorin (2006), Bréal foi responsável por estabelecer as bases de uma semântica diacrônica, que se preocupava com as mudanças de significado das palavras ao longo do tempo.

1.1 Metáfora e Metonímia

Processos comuns nas línguas humanas, a metáfora e a metonímia têm sido tradicionalmente tratadas como figuras de linguagem, recursos expressivos que ornamentam os textos, especialmente os de natureza artístico-literária, expandindo os sentidos das palavras ao serem estabelecidas entre elas relações de similaridade e de contiguidade. Nessa perspectiva, a metáfora é compreendida como figura expressiva que se baseia em uma similaridade entre dois termos relacionados, pertencentes a campos semânticos distintos, permitindo que se atribuam traços de um ao outro, como no exemplo *a universidade é um inferno*, em que duas grandezas (universidade e inferno) passam a ser similares por compartilharem determinados aspectos no jogo metafórico. Já a metonímia é construída em relação de contiguidade, aproximação entre duas palavras, pertencentes a um mesmo paradigma ou campo semântico, como na construção *Eu leio Fernando Pessoa*, em que se substitui o poeta pela sua obra, mas tanto esta quanto aquele estão situados no mesmo campo semântico da produção literária de Fernando Pessoa.

Por sua vez, na visão de Ullmann (1976), enquanto a metonímia é mais objetiva, a metáfora é mais subjetiva. Construídas a partir das experiências vividas, os mecanismos de transferência de um domínio para outro podem ser realizados por meio de arquimetáforas, as quais englobam subconjuntos de características que se quer enfatizar. No rol das transferências, animais, vegetais, espaços e objetos são explorados com o intuito de unificar elementos que são comuns e compartilhados, que implicam princípios universais.

Ullmann (1976) estabelece ainda a distinção entre metáfora antropomórfica e metáfora animal. Na primeira, a ênfase recai sobre alguma parte corporal (*boca do jacaré, pé de anjo, perna de pau, cabeça de bagre*), e na segunda, sobre características e referenciais dos animais (onde *a coruja* dorme,

tem *peixe* na rede etc). No que tange aos traços animais que são postos em evidência durante o processo de transferência metafórica, são exploradas similaridades físicas ou habilidade, destreza e desenvoltura dos mesmos.

Desta forma, nossas experiências cotidianas são circunstanciadas por produções linguísticas que envolvem processos conceituais em contextos específicos. Nesse âmbito, são acionados mecanismos que tornam a linguagem mais ou menos figurada. No jogo semântico fraseológico, a motivação revela de forma gradual elementos universais que podem migrar para domínios específicos. Assim, quanto mais opaca a combinatória se apresenta, mais elementos compartilhados ela exprime em relação a determinada comunidade linguística.

2 FRASEOLOGIA

As línguas naturais apresentam em seus repositórios um acervo de expressões que ajudam a regular parte das interações cotidianas, são os chamados fraseologismos. Essas estruturas, de natureza polilexical, constituídas por dois ou mais constituintes, apresentam fixidez relativa ou total no que diz respeito à forma e ao sentido que veiculam. Situados entre os limites do léxico e da sintaxe, os fraseologismos oferecem aos falantes de cada língua a possibilidade de uso específico em situações particulares.

Considerada uma área relativamente nova em relação aos estudos linguísticos, a Fraseologia surgiu como disciplina no início do século XX. Charles Bally foi o primeiro a delinear o objeto da investigação fraseológica, assim como realizou uma descrição minuciosa dos agrupamentos usuais das línguas. Bally (1951) foi também o responsável por cunhar o nome Fraseologia para designar a área. No entanto, foram os estudiosos da antiga União Soviética, Polivanov e

Vinogradov (ORTÍZ ALVAREZ, 2000), os primeiros a requerer o *status* de disciplina independente em relação à Lexicologia.

Os adeptos da Fraseologia se ocupam ainda em firmar uma nomenclatura que englobe todas as características dos fraseologismos, porém não há um consenso quanto a isso, de modo que a terminologia da área apresentada para nomear o objeto fraseológico ainda é vasta: *provérbios, ditados populares, enunciados fraseológicos, agrupamentos usuais, combinações estáveis, refrões, adágios, expressões idiomáticas, colocações, unidades fraseológicas*, dentre muitas outras denominações.

Ponto consensual entre os autores é o fato de que os fraseologismos apresentam características que permitem a sua identificação. Desta forma, a mais aparente das propriedades fraseológicas é a polilexicalidade. A partir do aspecto estrutural formado por no mínimo dois itens lexicais, tem-se o primeiro indício de que estamos diante de um fraseologismo. Essa propriedade, no entanto, não é suficiente para que se possa afirmar tratar-se de uma unidade fraseológica ou não, uma vez que unidades fixas contrastam com as combinações livres e até mesmo as palavras compostas, também produtivas nas línguas. À título de ilustração, vejamos o caso de *vaca magra* e [tempo de/das] *vacas magras*⁵. No primeiro exemplo não ficam dúvidas de que o adjetivo *magra* está caracterizando o animal *vaca*, tanto que ele pode ser deslocado dentro do sintagma sem que haja alteração do entendimento. Porém, no segundo exemplo, em que há o acréscimo da noção de número nos dois constituintes, a referência deixa de ser focada no animal e acrescenta-se a ideia de indivíduo ou grupo de indivíduos que passam por alguma necessidade material, financeira. Ademais, os constituintes da segunda opção não podem ser comutados, alterados, deslocados, sem que o sentido seja desfeito.

⁵ Devido ao caráter da previsibilidade sintagmática, os fraseologismos podem ser usados em determinados textos com elipse de algum componente da sequência, facilmente recuperado pelo contexto, como no caso do discurso do futebol em que a unidade *vacas magras* foi utilizada numa forma reduzida, omitindo-se a primeira parte da estrutura [tempo de].

Como visto, a relação entre a quantidade de palavras e a estrutura formal fraseológica, apesar de direta, não é factual, uma vez que outros critérios implicam na sua identificação. Um outro critério, talvez o mais importante, é a fixidez.

Podendo ocorrer tanto do ponto de vista sintático quanto semântico-pragmático, a fixidez é, para Mejri (2012), o processo central da cristalização. Para ele, a fixidez pode ser gradual e mensurada a partir da escalaridade a que se sujeita em níveis paradigmático e sintagmático, apresentando, porém, restrições para alguns processos, como por exemplo, a passivação ou a nominalização em sequências constituídas de sintagma nominal. Além disso, a fixidez está intimamente ligada ao critério da congruência. Essa outra propriedade, uma noção forjada para explicar o processo de adaptação dos constituintes na estrutura sintagmática, ocorre para Mejri (2012) em nível sintático, semântico e pragmático.

Como não é possível apontar o momento em que uma combinação livre passa a figurar como um fraseologismo, a fixidez e a congruência atuam como reguladoras no processo de cristalização. Nesse dinamismo, aspectos estruturais e semânticos evidenciam as diferenças entre traços formais e aqueles que se voltam para unidades de forma e sentido. A esse respeito, Ortíz Alvarez (2000, p. 79) ressalta a tomada do sentido global como ponte para a compreensão geral do fraseologismo, sendo a noção central “obtida pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras que não deixam de preencher sua função, a articulação semântica”.

Gross (1996) enfatiza que, no processo de significação fraseológica, a metáfora se comporta como a atividade de transferência de um elemento a outro de igual valor e essa ação bloqueia a movimentação sintática. Essa operação confere aos fraseologismos restrição para comutações, inserções e movimentações dentro do sintagma. A forma cristalizada comportaria então

traços históricos e imemoriais, não sendo possível reconstruções, apagamentos e paráfrases nominais. No que tange a atualizações, as novas formas obedecem a substituições em parte do sintagma outrora existente, de modo que a nova versão ainda apresente traços recuperáveis da forma original. Desse modo, os fraseologismos se condicionam ao léxico das línguas até que seus significados se tornem exemplos particularizados.

De acordo com Ortíz Alvarez (2000), nas expressões idiomáticas, um dos tipos fraseológicos, há construções que singularizam a cultura e expressam a competência fraseológica de um povo. A autora ressalta o fato de essas estruturas apresentarem, além da configuração polilexical, uma relativa estabilidade formal e, sobretudo, o sentido figurado. Para ela, o cotejamento das expressões idiomáticas pode ser feito de acordo com uma orientação semântica, de forma não composicional, que “engloba uma organização em torno de um conceito mais geral e abrangente e que sugere uma interpretação semântica das Eis (habilidade/inteligência; ignorância/conhecimento, etc.)” (ORTÍZ ALVAREZ, 2000, p. 175), ou conforme orientação referencial, baseada no significado individual de um ou mais itens lexicais que formam as combinatórias.

A não composicionalidade fraseológica demonstra o perfil opaco de algumas dessas unidades. Ao tratar da delimitação e da classificação das sequências fixas e semifixas com base no critério da idiomaticidade, Mejri (2012, p. 149) explica que “[...] a não transparência se explica, na maioria das vezes, pela intervenção dos *tropes* (metáfora e metonímia) na formação das sequências”. Com efeito, a transposição semântica de características animais em fraseologismos que circulam no ambiente futebolístico e no discurso político validam a premissa de que a presença de *tropes* nessas sequências é comum.

Ao descrever a estrutura semântica dos fraseologismos, Mejri (1997) trata do processo de saturação lexical e da noção de dupla estruturação semântica. No primeiro caso, um ou todos os itens lexicais da combinatória apresenta algum

nível de saturação lexical, dificultando, por exemplo, a formação de paradigmas sinonímicos, como as sequências cristalizadas *bater as botas* e *pagar o pato*, que não admitem comutação em nenhum ponto do fraseologismo, nem mesmo com itens pertencentes ao campo semântico, como **bater as botinas/sandálias* e **pagar a pata*, **pagar o marreco*, **quitar o pato*.

Já a dupla estrutura semântica dos fraseologismos demonstra que os sentidos literal e fraseológico não se excluem mutuamente, prevalecendo um ou outro conforme o contexto comunicativo, havendo, inclusive, a possibilidade de remeter-se a ambos simultaneamente. No *corpus* de política, por exemplo, Souza (2018) identificou uma manchete cujo título dizia que uma mulher de um deputado havia dado a *cara a tapa* para negar as denúncias de violência doméstica. A manchete explorou, portanto, a duplicidade de sentido, jogando tanto com a ideia de agressão física sofrida pela mulher quanto com o sentido fraseológico de *dar a cara a tapa*, isto é, de enfrentar e/ou se submeter publicamente à avaliação de terceiros.

Assim, embora na grande maioria das sequências totalmente fixas, sobretudo nas expressões idiomáticas, prevaleça a não composicionalidade semântica, é possível acionar, em contextos específicos, os significados denotativos das palavras que as compõem, graças ao fato de que as unidades fraseológicas possuem uma espécie de memória lexical, como postula Mejri (1998). Longe de negar o significado global das unidades aqui selecionadas, interessamo-nos, neste artigo, pela análise de fraseologismos que constroem metáforas animais, na tipologia de Ullmann (1976), em cuja estrutura há um item lexical que isoladamente remete a esse campo.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho segue os padrões da investigação de natureza qualitativa. Esse tipo de abordagem possibilita ao pesquisador

entender fenômenos de origem social. Acerca da opção por esse tipo de metodologia, Richardson (1999) assevera que “A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p. 79). Quanto ao nível, classifica-se como uma pesquisa exploratória, uma vez que os dados sob análise ainda não foram investigados pelo viés semântico.

Os *corpora* considerados são originários das pesquisas de Salvador (2017) sobre fraseologias do futebol, e de Souza (2018) acerca dos fraseologismos do discurso político. Para a constituição de suas amostras, a primeira autora baseou-se em textos jornalísticos coletados de periódicos digitais sobre futebol veiculados entre os anos de 2008 e 2015. Após tratamento semiautomático dos dados, foram arrolados em dicionário impresso e eletrônico 1316 fraseologismos. Já o segundo autor coletou textos que circulam no discurso político. A composição de seu *corpus* é oriunda de textos escritos publicados em sítios da *internet* entre os anos de 2014 e 2016, cujo teor diz respeito a publicações sobre política. Seguindo a abordagem da Linguística de *Corpus* conforme Berber Sardinha (2004), os dados obtidos foram submetidos a tratamento semiautomático e as unidades fraseológicas coletadas, organizadas em um glossário com 438 verbetes.

Tendo em vista o objetivo deste artigo, foram selecionados cinco fraseologismos de cada amostra, totalizando dez exemplos, os quais apresentam em sua estrutura constitutiva pelo menos um nome de animal. A opção por essa quantidade de dados se deu em razão de que o *corpus* de Salvador (2017) apresenta cinco casos dessa natureza, sendo mais recorrente na amostra de Souza (2018), da qual também foram selecionados cinco exemplos.

Por já terem sido submetidas nas pesquisas originais aos testes de certificação fraseológica sugeridos por Mejri (2012), após a escolha dos dez casos,

iniciamos a etapa de análise de cada uma das unidades conforme o viés semântico, atentando-nos ao critério da idiomaticidade no sentido de observarmos os aspectos semânticos subjacentes às unidades analisadas. Os detalhes relativos aos fraseologismos encontrados estão mais bem explicados na seção de resultados.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos o resultado alcançado a partir do levantamento realizado nas pesquisas de Salvador (2017) e Souza (2018), as quais foram consideradas como base da amostra. Para a certificação das definições das unidades fraseológicas foram considerados dois dicionários em versão *Online*, a saber: *Michaelis* e *Aurélio*; para os exemplos fraseológicos, a certificação ocorreu nos próprios trabalhos considerados para a extração das unidades, já que ambos são repertórios lexicais. Desta forma, no Quadro 1, estão dispostos, em ordem alfabética, os 10 (dez) exemplos analisados neste artigo.

Quadro 1: Fraseologismos

<i>Corpus</i>	Nº	Fraseologismo	<i>Corpus</i>	Nº	Fraseologismo
Futebol	01	Boca do jacaré	Discurso político	01	Barata tonta
	02	Caçar borboleta		02	Bode expiatório
	03	Ninho da coruja		03	Conversa pra boi dormir
	04	Onde a coruja dorme		04	Lágrimas de crocodilo
	05	Tem peixe na rede		05	Vacas magras

Fonte: Elaboração dos autores.

Como visto no Quadro 1, os nomes de animais que aparecem nas unidades analisadas são: *jacaré*, *borboleta*, *coruja*, *peixe*, *barata*, *bode*, *boi*, *crocodilo* e *vacas*, os quais são acionados no jogo metafórico.

Para essas unidades, buscamos o significado nos dois repertórios mencionados. Assim, no bloco dos fraseologismos encontrados no *corpus* do futebol, observamos: *boca de jacaré* ~ entrada/saída do vestiário do estádio de futebol; *caçar borboleta* ~ sair mal da área do gol (o goleiro) na tentativa de agarrar, com os braços estendidos, uma bola alta, mas atabalhoadamente a deixa escapar; *ninho da coruja* ~ ângulo que se forma na interseção de uma das barras com o travessão da trave; *onde a coruja dorme* ~ local onde a bola chega à interseção dos dois ângulos superiores da trave; e *tem peixe na rede* ~ o exato momento da marcação de um gol, em que pelo menos um dos constituintes remete a animais.

Do mesmo modo, no *corpus* político, ocorrem as unidades *barata tonta* ~ pessoa atordoada, boba; *bode expiatório* ~ pessoa sobre quem se faz recair as culpas alheias ou a quem são imputados todos os reveses; *conversa pra boi dormir* ~ palavreado com intuito de enganar, falsidade; *lágrimas de crocodilo* ~ choro fingidos; e [tempo de] *vacas magras* ~ período de dificuldade, miséria.

O contexto de uso dos fraseologismos em tela demonstra o ajuste semântico-pragmático nos dois domínios de onde eles foram retirados. A unidade *boca do jacaré*, utilizada para se referir à porta de entrada e saída do vestiário do estádio, pode ser utilizada como no contexto: *Após a agressão, o atacante do brasiliense foi expulso e foi para a <<boca do jacaré>> mais cedo*. Nesse exemplo, o articulista poderia ter recorrido à forma monovocabular e denotativa *vestiário*, no entanto, há a preferência pela forma metaforizada e, para isso, recorre a uma unidade fixada pelo uso em contexto específico, como é o domínio do futebol. A mesma preferência é observada na sequência *conversa pra boi dormir*. Nesse caso, a combinatória *Não aceitamos <<conversa para boi dormir>>*, diz Miguel Torres, presidente da Força, ao lembrar que Dilma Rousseff na campanha eleitoral jurou não mexer em direitos trabalhistas, *'nem que a vaca tussa'*, vista em contexto, é empregada no sentido de referir-se a uma desculpa ou como uma mentira.

Nos exemplos agrupados, esses itens lexicais ocupam diferentes posições dentro dos sintagmas, sendo o constituinte *coruja* o único dentre os fraseologismos encontrados que se aplica mais de uma vez.

No que tange à frequência de uso, observamos que esses exemplos apresentam alta recorrência nos *corpora* analisados. É o caso, por exemplo, de *boca do jacaré*, fraseologismo que indica *a porta de acesso ao vestiário nos campos de futebol*, o qual ocorre 45 vezes no corpus de Salvador (2017). A primeira observação sobre a frequência das unidades fraseológicas analisadas corrobora o que Mejri (2012) assegura acerca de como essa propriedade reflete o processo de institucionalização fraseológica e circulação dentro do sistema da língua.

Além disso, o uso recorrente da unidade fraseológica emerge de forma concomitante ao fator da previsibilidade, que por sua vez permite eleger os elementos constituintes da combinatória, tanto em relação de presença quanto de ausência, neste último caso, de forma mais evidente. Uma unidade que se repete 45 vezes, como ocorre em *boca do jacaré*, em diferentes jornais, que por sua vez estão localizados em diferentes regiões do país, veiculando o mesmo sentido, demonstrando o seu grau de fixidez na língua. A previsibilidade fraseológica pode ser mais bem explicada se tomarmos a unidade *vacas magras* em que houve a omissão de parte da sequência, mais especificamente _____ *vacas magras* (*tempo de vacas magras*). Sem que haja prejuízo do entendimento, a previsibilidade assegura o reconhecimento global da expressão, mesmo que alguns constituintes estejam *in absentia*.

Com respeito ao fator fixidez, verificamos que as unidades do *corpus* de Salvador (2017) são fixas, por exemplo, em relação à flexão de número nas formas: *boca(s) do jacaré / *caçar borboleta(s) / *ninho(s) da coruja / *onde a(s) coruja(s) dorme(m) e *têm peixe(s) na rede, pois em todos os casos o plural desfaz o sentido da combinatória, infringindo o fator congruência no sentido de indicar na mesma ordem *a porta de acesso ao vestiário nos campos de futebol, o goleiro procurar*

a bola que já está fora do seu alcance, um gol geralmente no ângulo, a bola que entra no ângulo reto superior da trave do gol e a indicação de gol marcado. O sentido, nos exemplos listados, não é construído apenas pela fixidez de suas formas, como também no nível semântico-pragmático, uma vez que são empregados em contexto futebolístico pontual.

Para além da análise estrutural, Ullmann (1976) faz referência a quatro tipologias metafóricas, sendo a metáfora animal uma das mais comuns nas produções de usuários de diferentes línguas. O papel realizado por unidades dessa natureza reside principalmente em subsidiar comparações. Assim, em *tem peixe na rede*, verificamos a referência aos episódios em que os seres humanos praticam a atividade de pesca cujo único objetivo é a captura do animal peixe. Da mesma maneira, no domínio futebolístico, o item lexical *peixe* equivale a *gol*, o objetivo principal dessa atividade esportiva. Em *barata tonta*, o processo é similar, já que a alusão provocada pelo item lexical *tonta* remete ao mesmo ato de perda de referencial, desnorreamento vivenciado pelo animal quando é abatido, e, que, em caso humano também indica a pessoa que perde o senso de referência.

Ainda em relação à tipologia metafórica indicada por Ullmann (1976), verificamos que em *boca de jacaré* há ao mesmo tempo a manifestação de uma metáfora antropomórfica, em que o termo *boca* estabelece, devido a sua forma, a aparência de abertura sendo parâmetro para objetos inanimados que assumem a mesma composição visual e a verossimilhança dessa boca com o órgão do animal jacaré, uma metáfora animal. Portanto, neste caso, tem-se o exemplo de um fraseologismo formado por uma combinação duplamente metafórica.

Ao considerarmos a premissa de Mejri (2012) acerca da importância do critério da idiomaticidade para a análise de fraseologismos, o qual serve de suporte para elucidar a combinatória sintagmática e mensurar os diferentes graus de uma unidade fraseológica, sendo importante nesse processo verificar o grau

de transparência e opacidade interna de cada um dos exemplos sob análise, observamos que a manifestação dos *tropes*, nesses casos, é inegável.

São os *tropes* que põem em evidência a manifestação de comparações em nível animal e antropomórfico, elementos que possibilitam aferir o grau de transparência e opacidade do fraseologismo. Em casos de agrupamentos transparentes, o sentido estabelecido pode ser recuperado a partir de um elemento endógeno à sequência, leitura realizada a partir da acepção denotativa de pelo menos um de seus constituintes, sendo mais comum em colocações, por exemplo, *gravemente ferido*, o que não acontece com uma unidade opaca.

Acerca da opacidade, vejamos a definição de *vacas magras*. Nessa unidade, o item *vaca* é definido por Michaelis (2020) como um substantivo que se refere à *fêmea do boi*, portanto, um animal quadrúpede, e *magra*, a *mulher de forma física delgada e esbelta*. O significado desse fraseologismo não é alcançado a partir de *vaca* ou *magra*. O *período de extrema pobreza* expresso por essa unidade só emerge a partir do momento em que se consideram esses dois itens lexicais como uma unidade coesa, indivisível do ponto de vista semântico, ou seja, além dos significados individuais, é gerada uma terceira definição. Por não ter seu sentido expresso na superfície da unidade, consideramos ser esse um exemplo de fraseologismo opaco, assim como os demais tipos da amostra sob análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema deste artigo se deu em razão de ter-se percebido nos *corpora* de Salvador (2017) e Souza (2018) exemplos de fraseologismos que circundam tanto o domínio do futebol quanto da política e são formados com pelo menos um elemento endógeno à sequência que faz referência a nomes de animais. Essas duas esferas de atividade mobilizam, individual e juntamente, a

participação de torcedores e eleitores que buscam descrever por meio de linguagem figurada referências vinculadas a esses dois meios.

Em síntese, os dados aqui analisados permitiram a identificação de 10 unidades fraseológicas, sendo cinco de cada um dos domínios investigados, futebol e política. A partir delas, foi possível observar o preenchimento de parte das sequências investigadas com pelo menos um nome de animal, ora localizado à direita, ora à esquerda. Nesse rol, há fraseologismos mais opacos que transparentes, tal como: *boca do jacaré*, unidade que cumpre a função denominativa para referenciar a entrada/saída do vestiário do campo de futebol, e, do mesmo modo *bode expiatório* ao exercer a atribuição de nomear a pessoa que é erroneamente acusada em lugar de outrem por delito que não cometeu, por exemplo.

Por fim, destaca-se o processo de transferência de características animais para os dois domínios postos em evidência em que há a manifestação dos *tropes*, de modo que tanto o futebol quanto o discurso político se nutrem de fraseologismos que se prestam a metaforizar, em alguns casos até a amenizar, ações e fatos relativos a ambos os domínios. Assim, em resposta ao questionamento feito no título deste trabalho, sim, a cobra vai fumar onde a coruja dorme expressa exatamente o caráter produtivo da metáfora nos *corpora* selecionados.

REFERÊNCIAS

- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, v. 1, 1951.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.
- FIORIN, J.L. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2018, p. 13-44.
- FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- GROSS, G. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.

-
- MEJRI, S. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.
- MEJRI, S. La memoire des sequences figees: une troisième articulation ou la réhabilitation du culturel dans le linguistique. *Actes du colloque: La mémoire des mots*. Actualité Scientifique, Tunis, AUPELF-UREF, 1998, p. 3-11.
- MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, M. L. O. (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 139-156.
- MICHAELIS, *Dicionário Online*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 12 de setembro de 2021.
- OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística II: domínios e fronteiras*. Campinas, SP: Cortez, 2012, p. 17-46.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. O. Dando conta do recado: a motivação metafórica das expressões idiomáticas. In: Suzete Silva. (Org.). *Fraseologia & CIA*. Entabulando diálogos reflexivos. 2ed. Campinas: Pontes Editores, 2014, v. 1, p. 21-42.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. O. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. 334f. Tese (Doutorado) –Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, SP, 2000.
- POLGUÈRE, A. *Lexicologie at Sémantique Lexicale: notions fondamentales*. Montréal: PUM, 2003.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Editora Atlas, 1999.
- SALVADOR, C. N. F. (2017). *Estudo das fraseologias do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico*. Tese (Doutorado em Letras - Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém.
- SOUZA, D. P. de. (2018). *Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário*. 249 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará. Belém.
- ULLMANN, S. *Semántica*. Introducción a la ciencia del significado. Madrid: Aguilar, 1976.
- XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 42, n. esp., p. 147-159, 1998.
- WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 71-85.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 01 de outubro de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 31 de março de 2022.